

DO SAL AO AÇÚCAR: AS AÇÕES EDUCATIVAS DO MUSEU DO DOCE DA UFPel (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS)

SALT TO SUGAR: EDUCATIONAL ACTIONS IN THE MUSEU DO DOCE DA UFPel

Carla Rodrigues Gastaud

Professora Adjunta do Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas.

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: crgastaud@gmail.com

Matheus Cruz

Museólogo do Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel. Email: mathcruz@gmail.com

Noris Mara Pacheco Martins Leal

Professora Assistente do Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas. Diretora do Museu do Doce da UFPel. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel. Email: norismara@hotmail.com

Patrícia Cristina da Cruz Sá

Acadêmica do Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista do LEP-Laboratório de Educação pelo Patrimônio da UFPel. Email: patricia-cristina-cruz@hotmail.com

Renata Brião de Castro

Museóloga. Email renatab.castro@gmail.com

RESUMO

O Museu do Doce da UFPel, criado em 2011 e aberto ao público em maio de 2013, foi organizado como um processo museológico de questionamento, com um fazer museal de fomento à inovação e à criação de novos conceitos adequados ao mundo contemporâneo. A partir deste princípio, definiu-se que o museu deve desenvolver atividades educativas e comunitárias (utilizando o doce como vetor) no sentido de reforçar a identidade da população de Pelotas e da região, mas também de entrecruzar as diversas etnias que compõem o universo da população local, assim como de discutir questões de gênero e diversas outras práticas e conceitos sociais. O programa de ação educativa começa com a divulgação da instituição, sendo assim, espera-se que a comunidade se aproprie deste bem cultural e dos seus significados.

Palavras Chave: Ação Educativa. Patrimônio. Museu.

ABSTRACT

The Museu do Doce da UFPel, created in 2011 and opened to the public in May of 2013, was organized as a museum questioning process, with a museum fostering innovation and creating new concepts adequated to the contemporary world. From this principle, it was decided that the museum should develop educational and community activities (using candy as a vector) to strengthen the identity of the population of Pelotas and the region, but also intersect the various ethnic groups that make up the universe of local population, as well as discussing issues of gender and several other practices and social concepts. The educational program of action begins with the release of the institution, so it is expected that the community takes ownership of this cultural asset and their meanings.

Keywords: Educational Action. Heritage. Museum.

Introdução

O Museu do Doce da UFPel, criado pela portaria no1.930, de 30 de dezembro de 2011, tem por missão salvaguardar os saberes e fazeres da tradição doceira de Pelotas e região, bem como, promover a pesquisa e a divulgação comunicação desse patrimônio.

A criação deste Museu é uma conquista da comunidade doceira que, através de negociação realizada com a Secretaria Municipal de Cultura e com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) definiu como sua sede a Casa de número oito, situada na Praça Cel Pedro Osório, no centro histórico da cidade de Pelotas. Este Casarão, provavelmente, foi projetado e construído pelo arquiteto italiano José IzellaMerotti, em 1878, para servir como residência para a família do Conselheiro Francisco Antunes Maciel (segundo Barão de Cacequi e Conselheiro do Império). Entre os anos de 1950 e 1973, a edificação serviu como sede do Quartel General da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada de Pelotas. Depois deste período foi ocupado por diversos órgãos públicos municipais.

Em 2006 a UFPel adquiriu o imóvel com o compromisso de organizar o local, junto com a comunidade doceira. O projeto de restauração do prédio foi financiado pelo MEC, executado pela universidade e entregue à comunidade em maio de 2013. Desde então, enquanto se desenvolvem as atividades para a organização do Museu do Doce são promovidas atividades de educação para o patrimônio: visitas guiadas e oficinas que divulgam e discutem o patrimônio edificado, o processo de restauro e significado do doce como patrimônio imaterial. A inauguração da exposição de longa duração do Museu do Doce, apresentando as origens e o desenvolvimento da produção doceira em Pelotas está prevista para o ano de 2015.



Figura 1

Fachada Museu do Doce - Fotografia Fabio Galli

Fonte: Acervo Museu do Doce

Como um museu universitário, o Museu do Doce coloca-se como um instrumento norteador do saber/fazer acadêmico que tem como eixo a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. A implantação e a organização do Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas partem dos estudos realizados pela equipe de professores que organizou, a partir da metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC, a pesquisa sobre esta tradição pelotense.

A ideia de Pelotas como um polo de produção de doces encontra explicações históricas que, em conjunto com outros elementos, ajudam a compreender a origem dessa atividade. As boas maneiras, os hábitos e costumes cultivados no interior dos sobrados, por ocasião das diversas festividades e dos saraus acabaram por atingir uma importância fundamental na sociedade pelotense. De acordo com Ferreira e Cerqueira (2012) na origem, os doces finos estavam associados à cultura familiar de determinada classe social, à elite local dos finais do séc. XIX e início do séc. XX.

O Doce de Pelotas, na dinâmica de transformação cultural, no processo de reelaboração de sentido, assume o significado de bem cultural com essa designação e como tal passa a ser conhecido para além das fronteiras locais (ou da cidade/do município).

Com base em seu objeto o museu permite discutir amplas dimensões da cidade, como a circularidade de saberes entre diferentes classes sociais e as conseqüentes transformações nos modos de fazer, assim como a contribuição da etnia negra e de outros grupos étnicos para a dinâmica da tradição doceira em Pelotas. Assim, entre tantos outros temas, questões de gênero, de classes e de etnia permitem uma ampla análise da cidade.

A proposta de um Museu do Doce pelotense é justificada pelo papel social, cultural e econômico que cumpre a tradição doceira da cidade (Pelotas se denomina a Capital Nacional do Doce). Em consonância com os princípios do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) e da Convenção de 2003 da UNESCO, buscamos traduzir num espaço museal o que o doce representa para a comunidade, inclusive com a inserção dos atores sociais diretamente vinculados ao fazer doceiro nas atividades museais, uma condição essencial para pensar as ações educativas do museu. Desta forma, a parceria com a Associação das Doceiras de Pelotas subsidia as ações planejadas, promovendo acuidade nas práticas e permitindo aos participantes a aquisição de conhecimentos acerca de sua identidade como sujeitos de uma determinada realidade social.

Para organizar um processo museológico que não seja apenas contemplação, mas que seja, também, questionamento, é preciso rever o fazer museal que deve ser de fomento da inovação e de criação de novos conceitos exigidos pelo mundo contemporâneo. O planejamento e a oferta de atividades educativas e comunitárias (utilizando o doce como vetor) atende ao propósito de reforçar a identidade da população de Pelotas e região. Mas

também de entrecruzar as diversas etnias que compõe o universo da localidade, de discutir questões de gênero e diversas outras práticas e conceitos.

Como fio condutor dessas atividades está a democratização do acesso aos bens culturais preservados e mantidos pelo Museu do Doce, permitindo que este patrimônio musealizado tenha maior inserção na vida social dos cidadãos, cumprindo o compromisso social de divulgar informações sobre suas coleções e facilitando o contato com a comunidade, a partir da disseminação do conhecimento produzido na instituição.

A ideia central das ações educativas - e do museu - é, através da patrimonialização do saber-fazer doceiro, dinamizar a economia de traços solidários, agir na recuperação e positividade das identidades locais e fomentar a inclusão de diferentes segmentos sociais no processo de musealização de um bem cultural que transita no interior dessa sociedade. Com as ações de educação para o patrimônio cumprimos com um dos mais importantes objetivos do INRC que é a comunicação do conhecimento produzido sobre o saber e o fazer doceiro da região.

Os museus - em nossos dias em que informações ágeis e rápidas chegam às pessoas a cada segundo - para atraírem o interesse devem se adaptar, como vem acontecendo através dos séculos, tanto nas histórias que contam como na forma como as contam. Por esta razão, os museus são reconhecidos, afirma Chagas: “[...] por sua aptidão para a adaptação aos condicionamentos históricos e sociais e por sua vocação para a mediação cultural. Eles resultam de gestos criadores que unem o simbólico e o material, o sensível e o inteligível.” (2008, p.59)

É papel dos museus criar oportunidades de ampliar o conhecimento, de rever conceitos, de modificar procedimentos de trabalho e principalmente de estimular o questionamento crítico, criativo e a produção de conhecimento. Menezes escreveu que os museus devem comprometer-se com a formação crítica, e reiterou:

Pode haver educação que não tenha como eixo a formação crítica? Estou seguro de que não. A capacidade crítica é, precisamente, a capacidade de separar, distinguir, circunscrever, levantar diferenças e avaliá-las, situar e articular os inúmeros fenômenos que se entrelaçam na complexidade da vida de todos os dias e nas transformações mais profundas do tempo rápido ou lento. (MENEZES, 2000)

O desafio atual de todo o museu é sair de um modo linear de pensar a relação escola/museu, para ampliar a dimensão da ação educativa dos museus, na busca, como diz Santos (2002), de vencer as nossas dificuldades em operar as partes e a totalidade.

A UNESCO desempenhou um papel relevante na relação museu-escola. Na década de 1950 aconteceram diversos seminários com destaque para a ação educativa dos museus: em New York – 1952, em Atenas – 1954, no Rio de Janeiro – 1958, onde foi proposta a

contratação de profissionais especialistas na área aos quais caberia fazer a articulação entre os serviços educativos e as escolas.

No Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativa dos museus, em 1958, no Rio de Janeiro foi estabelecida a necessidade de desenvolver os setores educativos nos diferentes tipos de museus a fim de ajudar a objetivar conceitos até então abstratos nos currículos escolares. Definiram-se vários tipos de exposição: ecológica, polivalente (que era geral, adaptada a um nível de visitante, mas que não poderia decepcionar quem pretendia um maior número de informações) e a especializada. Com fundamento nas propostas da UNESCO o Ministério da Educação e Cultura, no Brasil, criou uma comissão para fazer um levantamento da situação dos museus nacionais, estudar os serviços educativos e organizá-los.

Os museus naquele período estavam preocupados com a coleta de acervos; as exposições tendiam claramente a uma abordagem factual, com conteúdo dogmático sem contextualização e, finalmente, sem o exercício da crítica. Esta tendência assemelha-se ao ensino feito nas escolas onde o currículo era imposto, a história ensinada de forma linear e a memorização era valorizada. No período compreendido entre 1969 e 2000, num espaço de tempo de quase trinta anos muitas modificações ocorreram no cenário dos museus.

Considerando que o fazer museológico é o resultado das relações humanas em cada momento histórico, em relação com as demais práticas sociais globais, podemos afirmar que a museologia é resultado de um mundo em transformação. A contemporaneidade tem sido marcada por processos sociais ricos, no sentido de reconhecer a diversidade e o respeito à diferença e, sobretudo, por um forte apelo para que exerçamos a nossa cidadania, com a consciência de que podemos ser sujeitos da história. (SANTOS, 2000, p.104)

Numa realidade dominada pelas novas tecnologias de informação que provocaram mudanças nas formas de fazer política e no surgimento de novos movimentos e sujeitos sociais afirmando e reafirmando as novas identidades sociais e culturais, a ciência perde o seu caráter absoluto acentua-se a linguagem, a troca, e o diálogo nas formas de se relacionar e comunicar.

Entre as idéias que dominam o panorama científico e cultural da sociedade nesse início do século XXI e que estão presente em discussão em todas as áreas do conhecimento estão a relativização do poder da ciência, que dá a um caráter instável de todo o conhecimento e reconhece os sujeitos em geral como produtores de conhecimento, o que deixa de ser privilégio de especialistas. Da mesma forma deixa-se de acreditar em uma cultura dominante, pois todas as expressões culturais possuem o mesmo valor. Por isto os sujeitos devem resistir às formas de personificação e dominação cultural e há uma busca pela integração de saberes. A partir destas idéias perde força a concepção de que há uma natureza humana universal, pelo contrário, os sujeitos são construídos socialmente, formando sua identidade, são construtores da sua vida pessoal, tem um papel transformador.

Neste processo os educadores devem contribuir para que os estudantes construam seus próprios quadros valorativos, a partir do contexto das suas culturas, já que não há valores universais e sim valores a serem cultivados pelo grupo, espaço para diversidade, tolerância, liberdade, criatividade, emoções e intuição. A escola e o museu devem se portar como um sistema aberto, em permanente relação com o meio, diminuindo a distância entre a educação formal e não-formal.

O usufruto do bem patrimonial e a criação cultural, decorrentes da relação direta com o patrimônio tem qualidades de inserção cultural e social que são desejáveis. O contato com o patrimônio cultural promove, além de um momento de reflexão sobre o passado e o presente de uma sociedade, a experiência de desvendar e sentir os significados dos bens culturais, promovendo a apropriação desses bens pelo sujeito que passa por essa experiência. Essa apropriação é desejável no sentido de que o patrimônio passa a receber um valor identitário, isto é, quem se apropria o percebe como parte de sua própria vida e história.

As ações educativas que tem por objetivo central e foco o patrimônio apresentam a qualidade adicional de, ao reconhecer o patrimônio, reconhecer um passado e produzir identificação com ele. É por meio dessas ações que os museus estabelecem uma relação profícua de diálogo com as comunidades e reafirmam sua vocação para a inclusão social. O contato imediato da população com o elenco de bens culturais surge da necessidade de reafirmar sua identidade e de trazer à baila referências de um passado por vezes desconhecido. O desenvolvimento de um trabalho educacional - centrado no patrimônio cultural e com forte apelo ao senso crítico por parte dos museus - é fundamental e possibilita aos diferentes públicos a devida apropriação de seus bens culturais.

Muitas vezes, os museus mantêm processos excludentes no tocante a apropriação e preservação do patrimônio com práticas pouco abrangentes, pouco inclusivas, com forte ênfase na manutenção dos referenciais culturais de determinados segmentos sociais. Mas também, o Museu é um espaço privilegiado para a educação para que ações sejam desenvolvidas a partir de uma relação direta com o patrimônio, isto é, uma experiência em primeira mão com o objeto patrimonial.

Para exercer o seu papel de excelência, no espaço do ensino não-formal, os museus precisam definir o seu papel de agentes educativos, fortalecendo o diálogo com as escolas, estabelecendo relação direta com os conteúdos trabalhados pelos professores em sala de aula, sem lançar mão, exclusivamente, dos métodos e procedimentos pedagógicos concernentes ao universo escolar. Museus e escolas são espaços sociais complementares, que possuem linguagens e propostas pedagógicas próprias, indispensáveis à formação dos cidadãos.

O Programa de Ações Educativa do Museu do Doceteve início partir da sua inauguração no dia 17 de maio de 2013. O momento inicial deste programa consistiu na organização de visitas guiadas ao prédio que é o primeiro objeto do acervo do Museu do Doce. Mesmo não

existindo ainda a exposição de longa duração a preocupação foi promover o acesso ao bem cultural que é a própria casa, sua história, suas características arquitetônicas próprias de um período, a inserção da forma de vida de seus moradores nos costumes e na organização da sociedade urbana e rural da época



Figura 2

Abertura do Museu
- 17 de maio de 2013 -
Fotografia Fabio Galli

Fonte: Acervo Museu
do Doce

A abertura para visitação pública, entre os meses de maio e outubro de 2013, ocorreu em datas específicas – FENADOCE, Dia do Patrimônio - atendendo ao calendário cultural da cidade, pois como diz Santos (2001), as ações museológicas não são processadas somente a partir dos objetos, das coleções, mas tendo como referencial o patrimônio global na dinâmica da vida. Essas visitas foram monitoradas por acadêmicos dos cursos de Museologia, Conservação e Restauro, História, Antropologia e Artes Visuais, preparados para a atividade através de um curso de formação ministrado por alunos e ex-alunos do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, professores e técnicos administrativos da UFPel, cada um deles especialista em temas que dizem respeito à casa em diversos aspectos: a história da edificação, a arquitetura e seus usos, a arqueologia e as sociabilidades do período, assim como sobre a forma de implantação do Museu do Doce e sua estrutura.



Figura 3

Curso de Formação -
Estudo de Estuques
- Fotografia Fabio
Galli

Fonte: Acervo Museu
do Doce

Essas visitas mediadas possuem o intuito de divulgar primeiramente o museu, e, também, de possibilitar à população em geral que conheça e se aproprie deste importante patrimônio arquitetônico, valorizando-o como um bem histórico e cultural e tenha a possibilidade de conhecer o importante trabalho de restauro ali desenvolvido.

Ainda em fase de organização do Museu do Doce, as ações educativas continuam a ser desenvolvidas e incrementadas no sentido de reforçar a identidade da população de Pelotas e região, bem como de promover a democratização e o acesso ao bem cultural primeiro, preservado e mantido pelo Museu do Doce que é a sua sede.



Figura 4

Visita mediada para
ciclistas - Fotografia
Heron Moreira

Fonte: Acervo Museu
do Doce



Figura 5

Visita mediada para ciclistas - Fotografia Noris Leal

Fonte: Acervo Museu do Doce

A partir de outubro de 2013 a instituição passou a funcionar de segunda a sexta feira, e manteve a abertura aos finais de semana em datas pré-definidas. As visitas monitoradas ganharam força, o atendimento a escolas das redes da cidade se ampliou atingindo os objetivos desta atividade que é o de divulgação do patrimônio cultural da cidade.



Figura 6

Visita de Escola de Ensino Fundamental - Fotografia Rafael Chaves

Fonte: Acervo Museu do Doce



Figura 7

Visita da Escola
Tiradentes - Análise
da Arquitetura -
Fotografia Rafael
Chaves

Fonte: Acervo Museu
do Doce

O segundo momento do programa de ação educativa do museu acontece em associação com o Laboratório de Educação para o Patrimônio, o LEP, do Bacharelado em Museologia da UFPel, e nela foi desenvolvida uma série de jogos para crianças e adultos, a fim de propiciar uma aproximação agradável, lúdica e pedagógica com alguns bens culturais da cidade de Pelotas a partir do Museu do Doce.

Entre múltiplas possibilidades de ação educativa optou-se por criar jogos que propiciassem uma aproximação do jogador com o bem cultural, pensando com Zorzal e Kirner que escrevem que

O jogo permite que o usuário estabeleça oportunidades de encontrar soluções e interagir com outros usuários, permitindo então o processo de atividades colaborativas e ampliando as estratégias coletivas de uma maneira estimulante e lúdica (ZORZAL e KIRNER, 2005, p.01).

Ainda de acordo com Dohnme o jogo pode ser um condutor de um determinado conteúdo, ou seja, jogo é um facilitador da aprendizagem (DOHME. 2008, p. 14). É válido afirmar que o jogo educativo com foco no patrimônio cultural pode proporcionar que se estabeleça uma relação lúdica, criativa e divertida, entre o público/jogador e o bem cultural.

Com este princípio foi elaborado um conjunto formado por três jogos: o primeiro é um quebra-cabeça, com imagens dos casarões do entorno da Praça Coronel Pedro Osório; o segundo é um jogo de cartas sobre os doces inventariados no INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais); o terceiro é uma planta baixa da Praça Coronel Pedro Osório na qual devem ser identificados e localizados alguns casarões do centro histórico de Pelotas.

Os jogos

Jogo 1 – Quebra-cabeça da Praça - para a execução do quebra-cabeça, foram fotografadas as casas da Praça Coronel Pedro Osório de números, 2, 6, 8, a Prefeitura Municipal, da Biblioteca Pública, o Grande Hotel e o antigo Banco do Brasil. As imagens foram editadas e enviadas para a impressão em quebra-cabeça de 35 peças, no tamanho 21x29 cm, em papelão grosso com acabamento fotográfico de alto brilho.

O quebra cabeça é voltado para crianças que ainda não dominam a leitura e tem como objetivo mostrar alguns dos bens culturais do município. Diariamente, muitas crianças passam na frente dos prédios históricos e não os reconhecem como patrimônio. Esse jogo busca informar o jogador de que esses locais são parte da historia da cidade.



Figura 8

Quebra cabeça

Fonte: Acervo do LEP,
2014.



Figura 9

Montagem do
quebra-cabeças

Fonte: Acervo do
Museu do Doce, 2014

Jogo 2 – “Pife Doce” – Trata-se de dois conjuntos de cartas, sendo um com as imagens dos doces e uma lista dos ingredientes utilizados em sua preparação e o outro com cada carta representando um dos diversos ingredientes que entram na elaboração de diversos doces. Cada jogador retira uma carta do conjunto 1 (carta de receita) e descobre que doce deverá montar em sua “mão”. Os jogadores recebem inicialmente cinco cartas de ingredientes e a cada rodada compram uma carta e descartam outra, com o objetivo de juntar os ingredientes necessários para o doce indicado. Vence a rodada o jogador que reunir todos os ingredientes de seu doce em primeiro lugar e soma os pontos, que variam de acordo com a complexidade do mesmo e estão indicados na carta da receita. Ao final do número de rodadas acordado, ou ao completar a somatória de pontos acordada, o jogo se encerra com a vitória da maior pontuação.



Figura 10

Pife doce

Fonte: Acervo do LEP, 2014.

A elaboração desse material foi feita a partir de pesquisa do INRC *Produção de doces tradicionais pelotenses*, que inventariou 14 doces divididos em duas categorias: doces da zona rural ou doces coloniais e doces da zona urbana ou doces finos.

Jogo 3 – “Que casa é?” - na construção desse jogo foi utilizado um banner tamanho 90x90cm com uma representação da planta baixa da Praça Coronel Pedro Osório e as imagens dos seguintes monumentos do entorno da praça: Casarão 1, 2, 3, 6, 8, o Grande Hotel, a Prefeitura Municipal, a Bibliotheca Pública Pelotense, o Clube Caixeiral, o Theatro Sete de Abril, a Empresa de Pompas Fúnebres Moreira Lopes, e a Fonte das Nereidas.



Figura 11

Qual casa é?

Fonte: acervo do
LEP, 2014.

Nesse exercício os participantes devem posicionar, na planta da Praça Coronel Pedro Osório, os monumentos históricos em suas respectivas localizações. Para isso sorteiam uma carta, que contém informações históricas sobre um dos bens culturais. A partir dessas informações os participantes devem escolher o monumento correto e fixar no lugar correspondente.

Aplicação no “Dia do Patrimônio”

Protótipos dos jogos, feitos de forma artesanal, foram feitos para aplicação junto aos visitantes da Casa 8, sede do Museu do Doce, durante o “Dia do Patrimônio”, evento organizado pela Secretaria Municipal de Cultura (Secult) de Pelotas que ocorreu nos dias 16 e 17 de agosto de 2014.



Figura 12

Brincando com o
Patrimônio.

Fonte: Acervo do
LEP, 2014.

Desta forma foi possível avaliar como essas atividades, desenvolvidas a partir do patrimônio - tanto edificado, quanto imaterial - são recebidas pela comunidade participante.

A observação das “partidas” possibilitou, por exemplo, a constatação de que o baralho do “Pife Doce” precisa de um numero maior de cartas e de que as cartas de informações do “Que casa é?” devem ter seu vocabulário simplificado assim como as informações oferecidas sobre os bens edificados.

Foi possível perceber que a maioria dos nossos jogadores era constituída por adultos, que demonstraram maior interesse pelo “Pife Doce” e pelo “Que casa é?”, este ultimo por ser mais demorado e necessitar de uma maior domínio da leitura se mostrou pouco acessível às crianças menores de 8 anos que, por outro lado, se interessaram pelo Quebra-cabeças.

Para melhor compreender a recepção do publico, soicitou-se aos jogadores que deixassem sua opinião por escrito.

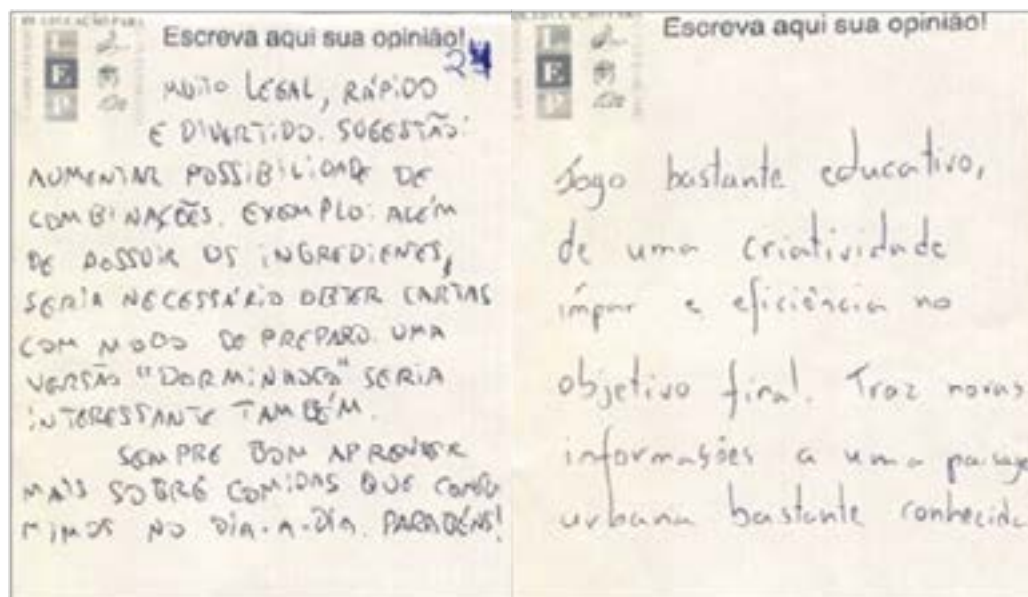


Figura 13

Avaliação

Fonte: acervo pessoal dos autores

A continuidade do processo de avaliação garante que os processos se tornarão sistemáticos e permitirão a comparabilidade dos resultados no decorrer do tempo (CURY, 2005, p.129), para isso, além das avaliações escritas, conversamos com alguns usuários após os jogos, registrando suas expectativas, impressões e sugestões, que foram tabuladas e consideradas no processo de construção dos jogos. Busca-se aprimorar os jogos a cada utilização deles por parte da comunidade, com base na observação e nos relatos dos participantes.

Referências

- CABRAL, Magali. Comunicação, educação e patrimônio cultural. Texto apresentado no FORUM ESTADUAL DE MUSEUS DO RS, Rio Grande, julho/202. Mimeo, p. 1-8.
- CHAGAS, Mário de Souza. Diversidade Museal e Movimentos Sociais. In: NASCIMENTO JUNIOR, José do ; CHAGAS, Mário. (Orgs). **Ibermuseum2** Reflexos e Comunicações. Brasília: IPHAN, DEMU, 2008.
- CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.
- DOHME, Vania. **O valor educacional dos jogos: jogos e dicas para empresas e instituições de educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2008.
- FEREIRA, Maria Leticia Mazzucchi; CERQUEIRA, Fabio Vergara. Mulheres e Doces: O saber-fazer na cidade de Pelotas. **Patrimônio e Memória**. São Paulo: UNESP, v.8, n.1, p.255-277, jan- jun. 2012.
- LOPES, Maria Margaret. Bertha Lutz e a importância das relações de gênero, da educação e do público nas instituições museais. **Musas. Revista Brasileira de Museus e Museologia**. Rio de Janeiro: IPHAN/DEMU, n.2, p. 41-47, 2006.
- Menezes, Ulpiano Bezerra de. Educação e Museus: sedução riscos e ilusões. **Ciências e Letras: Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação**. Porto Alegre: FAPA, n. 27, p. 91-102, Ciências e Letras, 2000.
- RIETH, Flávia et al. **Inventário nacional de referências culturais: produção de doces tradicionais pelotenses** (relatório final). Pelotas: Ed. Universitária/UFPeL, v. 1, 2008.
- SANTOS, Maria Célia T. Moura. Estratégias Museais e Patrimoniais Contribuindo para a qualidade de vida dos cidadãos: diversas formas de musealização. **Ciências e Letras: Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação**. Porto Alegre: FAPA, n. 27, p. 103-120, 2000.
- _____. Museu e Educação: conceitos e métodos. **Ciências e Letras: Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação**. Porto Alegre: FAPA, n. 31, p. 307-324, 2002.
- Varine, Hugue de. O Ecomuseu. **Ciências e Letras: Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação**. Porto Alegre: FAPA, n.27, p. 61-90, 2000.
- ZORZAL, Ezequiel Roberto; KIRNER, Claudio. Jogos Educacionais em Ambiente de Realidade Aumentada. In: WRA2005, 2005, Piracicaba. II Workshop de Realidade Aumentada. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2005. v. 1. p. 52-55.

Texto recebido 20 de novembro de 2014. Publicado em 30 de dezembro de 2014.